

Formação e seleção do bibliotecário

ANA DE ALENCAR

Técnico de Educação com exercício na D. S. do D.A.S.P.

Abre-se, com o século 19, o período em que se asseguram as bases materiais das bibliotecas públicas, apenas esboçadas no desenrolar do século anterior. E após um século de existência, elas viram crescer, em proporções assustadoras, a extensão de suas coleções e a importância de sua função social. É que o desenvolvimento extraordinário da instrução pública, a especialização da ciência, a necessidade crescente de documentação, traziam o aumento prodigioso da massa de publicações lançadas no mercado e contribuíam para multiplicar o número de leitores — uns, forçados pelas necessidades prementes que reclamam o seu aperfeiçoamento cultural e a sua melhoria profissional, outros, ávidos de saber e de cultura.

Já agora, então, quão grandemente diversa a tarefa do bibliotecário! Não mais aquele conservador, aquele comprador de livros, aquele "procureur" de copistas que a Europa acatava e reverenciava: "custos librorum", chamavam-lhe Roma, Alexandria e Espanha, "maître de la librairie du Roi", cognominavam-no os cortesãos de França. Cargo honroso, assim o foi até bem perto de nossos dias. Cabia frequentemente às figuras da elite cultivadora das letras e às autoridades científicas, que faziam jús — pela honra que concediam ao Estado, ao emprestarem às bibliotecas o brilho do seu talento e a segurança de sua ciência — a uma pensão e às honrarias de bibliotecários-sábios e de sábios-bibliotecários. Inteligência, cultura, autoridade científica, eram os seus únicos requisitos, não se exigindo deles nenhuma preparação técnica especial. O trabalho bibliográfico, os catálogos, a construção da biblioteca, a classificação dos livros, sua manutenção, seu uso

restrito (e quantas vezes privilegiado!), seguiam tradições nas quais não se julgava necessário tocar, a não ser em pequenas minúcias formais ou materiais, às quais nenhuma importância era dispensada.

Tal situação perdura ainda no limiar do século 19: ao bibliotecário não se reconhece ainda o valor de sua profissão e a importância de sua função social. Deve-se a Antonio Panizzi — italiano que creou, em Londres, em 1856, a biblioteca atual do "British Museum", desenhando-lhe um novo tipo de construção e reorganizando as suas coleções — a fixação da tarefa profissional do bibliotecário moderno. E não é sinão na segunda metade do século 19 que ela se firma, se alteia, se ombreia com as outras, embora não exija ainda nenhuma preparação específica: basta aos bibliotecários, em geral, uma boa cultura e, no caso das grandes bibliotecas, títulos universitários. Todavia, nenhum conhecimento especial se lhes exige ainda, nenhum ensinamento teórico particular se lhes ministra. É pensamento generalizado nessa época que, com o correr dos anos de ofício, ganhará o bibliotecário aptidão e experiência prática.

Paulatinamente, porém, esse conceito, em que é tido o bibliotecário, é substituído por outro mais racional: o bibliotecário não pode ser um autodidata. Sua profissão, à semelhança das outras, requer um ensinamento teórico especial e uma aprendizagem prática que devem ser adquiridos antes de assumir o cargo. E, aos poucos, a necessidade imperiosa dessa dupla formação se impõe: reconhecem-na todos os povos civilizados, aprovam-na todos os países bem organizados.

No Brasil, essa necessidade foi sendo compreendida e entrou no rol das cogitações de nosso governo. Assim é que, já em 1911, o Governador Hermes da Fonseca, aprovando o regulamento da Biblioteca Nacional, instituiu cursos de biblioteconomia em nosso país. Teve este curso, porém, efêmera duração.

Só em 1931, o Chefe do Governo Provisório da República, compreendendo largamente o quanto se fazia necessária uma escola para formar bibliotecários, restabelece, com o decreto 20.673, de 17 de novembro, na Biblioteca Nacional, o curso de biblioteconomia, sob a direção e a fiscalização do seu diretor geral, com uma extensão de dois anos e com um currículo de quatro cadeiras: a) bibliografia, b) paleografia e diplomática, c) história literária, e d) iconografia e cartografia.

Esse curso, organizado nos moldes em que se encontra, não satisfaz, em absoluto, às condições indispensáveis para formação de bibliotecários, em nossos dias. Dada a natureza das matérias nele ensinadas e a carência de outras que nele não figuram, é um curso mais para adestramento de arquivistas e paleógrafos que para verdadeiros bibliotecários. Faz-se mister uma reforma em seu currículo e em seu programa, afim de que possa corresponder às exigências de uma boa escola de bibliotecários. Porque — cumpre observar — já agora, o curso para bibliotecários deve atender a mais uma exigência: é o formador e o preparador dos que se destinam, em nosso país, à carreira de bibliotecário.

Esta carreira teve, em 1936, pela lei 284, que reajustou os quadros e os vencimentos do funcionalismo público Civil da União, fundidos os cargos de bibliotecário-auxiliar e de bibliotecário.

O minucioso estudo da situação da carreira nos diversos Ministérios, cujos cargos se distribuíam de maneira assaz irregular (na Agricultura, de E a I; na Educação, de E a L; na Guerra, de F a J; no Exterior, de G a H; na Viação, de H a I e no Trabalho, apenas K...), demonstrou a grande vantagem de traçar uma estrutura mais consoante com as necessidades do nosso país.

Assim, foi proposto pelo DASP e aceito pelo Presidente da República, o novo desdobramento da carreira de Bibliotecário, nas de Bibliotecário, propriamente dito, e Bibliotecário-auxiliar.

Esta última passou a constituir-se das classes E, F, G, H da carreira, ficando ressaltados os direitos dos atuais funcionários ao acesso à classe inicial da carreira desdobrada, mediante a

conclusão de um curso, a ser instituído em regulamentação, com o objetivo de elevar o nível de preparo profissional e de cultura dos futuros ocupantes da carreira principal.

A recente modificação, consubstanciada no decreto-lei n.º 2.166, de 6 de maio próximo findo, permitirá um perfeito aproveitamento dos conhecimentos técnicos dos bibliotecários e redundará, forçosamente, em melhor e maior produção de serviço.

Aos Bibliotecários competirão os misteres de maior responsabilidade técnica e cultural, tais como a organização e a orientação técnica dos serviços de biblioteca, a seleção e a classificação dos livros, a organização de bibliografias, as campanhas de propaganda, etc., ao passo que os serviços acessórios, como a catalogação, o registro e o empréstimo dos livros, competirão aos bibliotecários-auxiliares.

Mas, como preparar os nossos bibliotecários? Como o fazem as grandes nações? Quais as exigências e as possibilidades do nosso meio?

E' a formação universitária que ocupa o primeiro plano e constitui o objeto das maiores exigências para o serviço superior das bibliotecas de primeira categoria. Assim, aos candidatos a esses postos, estudos superiores, sancionados por diplomas universitários, são rigorosamente exigidos.

Muito recomendável seria que, nas bibliotecas de certa categoria, os graus universitários do pessoal científico tivessem plena correspondência com os seus diversos ramos. Assim acontece com a biblioteca da Sociedade das Nações que tem, sábia e prudentemente, à frente de cada um dos seus diferentes departamentos, um especialista de reconhecida competência, possuidor de vasto cabedal de conhecimentos da matéria em foco e capaz de contribuir, larga e eficientemente, para o desenvolvimento e o crescimento da secção que orienta e dirige, com aptidão e proficiência.

Urge, depois, a formação técnica. Facilmente assimilável, em pouco tempo será obtida. Cumpre afirmar que ela não pode, em nenhuma hipótese, faltar: é difícil, sinão impossível, o bibliotecário introduzir-se, sem ela, em todas as engrenagens do trabalho técnico de uma biblioteca e entrar em contato com os problemas que a cada passo surgem em seu campo vastíssimo. Acresce ainda que, para obter pela prática apenas todos os conhecimentos que fornece um ensinamento teórico, far-se-ia mister um longo período de está-

gio em bibliotecas de natureza mui variada. E, mesmo assim, poderia ocorrer que não tivesse o bibliotecário deparado ainda com a longa série de problemas usuais do âmbito biblioteconômico.

Nem todos os países compreenderam, igualmente, a necessidade dessa formação técnica que se nos afigura de grande importância. A Dinamarca, a Suíça, a Estônia e a Itália, por exemplo, reclamam, para os seus bibliotecários, uma rigorosa formação universitária. Nesses países, o diploma técnico só tem valor como título de preferência nos concursos para os cargos públicos de bibliotecário. A Alemanha, a Espanha e a Áustria têm um pensamento bem diferente a respeito: uma formação técnica, constante de cursos teóricos e de um estágio prático, é condição indispensável àqueles postos.

A Biblioteca da Academia de Ciência da U. R. S. S. vai ainda mais longe: de seus bibliotecários exige não só uma formação científica, mas especializada em correspondência com os serviços aos quais eles são ligados, e ainda uma formação profissional. Convencida de que esta é a formação ideal para o bibliotecário, ela substituiu, em 1930, por especialistas em biblioteconomia, quase um terço do corpo de bibliotecários já existente.

Da mesma maneira, a Bélgica, depois de 1897, e terminantemente após os decretos de 1926, exige, de seus futuros bibliotecários, um ano de estágio em uma das bibliotecas do Estado, estágio ao qual não se pode ser admitido sinão de posse de um doutorado ou de um outro diploma universitário. Exige ainda que o candidato tenha sido aprovado em um exame sobre matérias complementares de formação universitária: paleografia, história da arte, diplomática, línguas e ainda sobre biblioteconomia e bibliografia.

Na Grã-Bretanha, em que, outrora, era tido como essencial um diploma superior de uma universidade reconhecida e em que a formação profissional era relegada ao último plano, certas bibliotecas, mantidas pelo Governo, começam a admitir candidatos possuidores do diploma da Escola de Bibliotecários.

Nas bibliotecas especializadas, afigura-se-nos que o nível dos estudos deve ser não só aquele do alto ensino superior, mas ainda o futuro diretor ou chefe de serviço de uma biblioteca dessa categoria deve ser um especialista naquele mesmo campo referente à biblioteca da qual está encarregado. Será, igualmente, de grande alcance exi-

gir-se, dêsses bibliotecários, comprovantes de sua especialização, mediante a apresentação de trabalhos publicados — demonstração cabal e valiosa de sua capacidade no assunto.

E' perscrutando as grandes bibliotecas municipais e regionais que se patenteia, com clareza e evidência, a que altura se elevou a biblioteca moderna: de cemitério de livros galgou os trâmites das grandes instituições humanas. Cabe à biblioteca moderna a função de guiar o leitor interessado, diante da multidão heterogênea de obras e de publicações, e de conquistá-lo definitivamente para o convívio constante com os livros, sejam êstes objeto para distração e deleite, ou motivo para as mais variadas atividades intelectuais. Cumpre ao bibliotecário, cioso de realizar um trabalho conciente e empreendedor, despertar, animar, entusiasmar o seu público, saciando-o nos seus desejos, nas suas curiosidades literárias, e levando-o cada vez mais alto, até aos píncaros da escada dos conhecimentos humanos. E qualquer bibliotecário não será capaz de preencher essas funções, sinão aquele que, além dos requisitos que reputamos essenciais, tenha um profundo conhecimento histórico e geográfico da região servida pela biblioteca. E alie ainda, a tudo, uma formação pedagógica que o ponha à altura das funções de educador, uma das faces de seu trabalho construtivo, não pouco facil. E afigura-se-nos ser esta a função primordial de uma biblioteca pública.

Quanto ao provimento dos cargos em bibliotecas medianas, populares, escolares, infantis, uma grande diversidade de critério preside a êsse recrutamento, entregue, na maioria das vezes, ao talante das autoridades. Neste caso, uma erudição é menos necessária do que conhecimentos enciclopédicos. E' preciso não se esquecer, com efeito, que tal bibliotecário se achará em contato, sobretudo, com um público desejoso de distrair-se, de adquirir uma cultura geral, ou de aperfeiçoar conhecimentos muito rudimentares. Para esta classe de bibliotecas, não podemos insistir sinão sobre a função educativa que lhes cabe. Mais que nunca, a preocupação de uma conservação tradicional deve dar lugar aos fins educativos e práticos que exige um meio muitas vezes em plena formação. E' nesta espécie de biblioteca que a definição de Milton — "os livros não são cousas absolutamente mortas mas guardam uma pujança de vida tão ativa quanto a alma que os gerou" — encontra sua explicação perfeita. O leitor duma

biblioteca popular é levado a ela por considerações muito diferentes: carência de conforto em casa, prazer que desfruta nos lugares públicos, instinto de coletividade, refúgio contra um lar pouco atraente, incapacidade de bastar-se a si mesmo. Todas essas razões psicológicas serão tão determinantes e importantes para o operário, quanto o desejo de procurar a leitura.

Focalizadas as condições necessárias à formação do bibliotecário, um problema advem: Como perscrutar, na massa de candidatos aos postos de bibliotecários, os mais capazes, os mais aptos? Como descobrir as virtudes do perfeito bibliotecário? Aquela curiosidade voraz, que fazia a autoridade de um Lucien Herr, — a amenidade, que acolhe todas as questões com benevolência, — a vocação do pedagogo que quer elevar o nível cultural e moral dos leitores, porque acredita na virtude de educação do livro bem escolhido?

A profissão de bibliotecário requer um certo número de aptidões especiais absolutamente pessoais e uma vocação desinteressada.

Os livros nos atraem, ou pela distração e pelo deleite que nos proporcionam, ou pela instrução, cultura e sabedoria que nos fornecem, ou por outras vantagens que, do convívio constante com eles, se possa auferir. No caso do profissional, porém, essa inclinação está em função do proveito que os outros podem tirar daí.

Como perscrutar essa vocação nos que se destinam à carreira de bibliotecário? O próprio candidato, impressionado pela sedução que os livros têm sempre exercido, pode estar iludido.

Que se dirá, então, dos examinadores que são induzidos a acreditar nessa vocação, no caso mesmo dela não existir? E quanta vez eles não a descobrirão quando, na realidade, ela existe! Por essa e por outras razões e principalmente porque todo ensinamento teórico poderia faltar ao fim a que ele se propõe, seria ideal um período de estágio mais ou menos longo. Nele haveria oportunidade para que as qualidades individuais se manifestassem, crescessem, se desenvolvessem e se afirmassem no desempenho diário das tarefas biblioteconômicas e do convívio bibliográfico.

Afigurou-se-nos, após estudar acuradamente as funções do bibliotecário e o papel que vai exercer no nosso meio, que a primeira exigência a se fazer aos candidatos devia ser o diploma de conclusão do curso de biblioteconomia, fornecido por escola oficial, que — si não fôr uma demonstração

cabal e sincera da tendência do candidato ao convívio diuturno com os livros e da inclinação pronunciada pelos estudos bibliográficos — será, pelo menos, uma comprovação de que o examinando tem dedicado grande parte de seu tempo às bibliotecas e aos livros. É indubitável que um curso bienal, que ponha o aluno em contato com os assuntos de biblioteconomia em geral e com os problemas que pululam em seu campo vastíssimo, prepara (ou pelo menos devia preparar), com segurança e eficiência, os futuros bibliotecários. Daí o valor fundamental que se deverá atribuir ao título de conclusão do curso de biblioteconomia fornecido por escola nacional, expedido na forma da lei, ou por escola estrangeira, de incontestável valor.

Não nos parece razoável exigir-se um diploma de curso superior, uma vez que as bibliotecas a que se destinam os nossos bibliotecários não são, em geral, aquelas de primeira categoria, mas sim de nível médio, especializado.

Para evitar que, embora possuidores de um diploma técnico, não sejam recrutados funcionários menos destros nas práticas bibliotecárias, far-se-á necessário constar, dos processos de seleção, provas, prática e escrita, referentes à classificação e catalogação — atividades essencialmente fundamentais no desempenho das funções bibliotecárias. Mas, será isso suficiente? Evidentemente não. A formação técnica de um bibliotecário tem suas bases seguras na cultura biblioteconômica, urgindo que o mesmo possua um bom cabedal de conhecimentos relativos à bibliografia e que tenha bem presentes, em linhas gerais, todos os segredos da manutenção, propagação, desenvolvimento e aperfeiçoamento técnico da biblioteca.

E então, verificada a formação técnica do bibliotecário, será preciso, sem dúvida, averiguar a sua formação cultural, elemento igualmente de grande valia e de reconhecida utilidade. Possuidores, os candidatos, daqueles predicados técnicos — básicos para o bom desempenho das diversas funções de carreira de bibliotecário — como não exigir deles comprovantes de sua cultura geral? Animados dêsse pensamento, proporíamos ainda, para a seleção de bibliotecários, provas de literatura geral e de literatura pátria, e de idioma estrangeiro. Realmente, sem conhecimento suficientes da história da literatura geral e sem o manêjo fácil de uma língua estrangeira, onde os elementos complementares de um bibliotecário bem for-

mado? Embora, em sua maioria, os bibliotecários se destinem a carreiras especializadas, será de grande utilidade que lhes não falte a visão geral do conjunto das produções literárias que empolgaram, sucessivamente, todos os povos, em todas as épocas.

Terminando, queremos nos referir ainda — embora, dado o tipo de nossos concursos e a organização de nossos processos de seleção, não nos seja permitido averiguá-los, a não ser indiretamente — a dois requisitos de grande importância: o senso da ordem e o senso da responsabilidade. Como verificar a sua existência? O senso da ordem não será revelado somente na disposição das provas escritas e orais de um concurso, nem ainda pelo conhecimento dos hábitos pessoais dos futuros bibliotecários. Urge procurar esse senso principalmente na formação de espírito do indivíduo, na marcada tendência que o leva a estabelecer ordem onde não há nenhuma, a simplificar e a tornar sempre e cada vez mais práticas e mais imediatamente úteis as diferentes operações que, a cada passo, se apresentam no desempenhar quotidiano das funções bibliotecárias.

E curioso é observar que o aparecimento dessa atitude ora é repentino, ora, de início laten-

te, vem depois a se manifestar, paulatina e progressivamente, como uma orientação definitiva do espírito do futuro bibliotecário, assim que ele se põe em contato com os livros da biblioteca. O livro da biblioteca torna-se, para ele, o eixo e o motivo de sua movimentação incessante, e o faz tender sempre a um desenvolvimento maior e a um aperfeiçoamento cada vez mais crescente, em uma busca contínua e constante no quadro da ordem.

O senso da responsabilidade não diz respeito apenas àquela que faz o bibliotecário ter sempre presente a convicção de que é o zelador vigilante de um patrimônio comum, muita vez precioso, que lhe é confiado para que, ciosamente, o conserve e o transmita às gerações vindouras. Com a missão social das bibliotecas hodiernas, dia a dia crescente, pesa sobre os bibliotecários uma responsabilidade nova e assás relevante. Ele deve ser o orientador seguro, o mentor dedicado, o educador sereno dos que, animados pelo impulso natural de auto-educação, correm, pressurosos, à procura da instrução que não lograram na infância, ou da melhoria intelectual, que perenemente os seduz.

◀ QUANDO UM VISITANTE ENTRAR NA SECÇÃO, NÃO DESVIE SUA ATENÇÃO DO TRABALHO: DEMONSTRE-LHE QUE A CURIOSIDADE VALE MENOS DO QUE O INTERESSE DO SERVIÇO ▶